

**Ricardo Sánchez Ortiz de Urbina, *Orden oculto: ensayo de una epistemología fenomenológica***

Oviedo, Eikasía, 2021, 340 pp.

**Luis António Umbelino.** Universidade de Coimbra<sup>1</sup> (DFCI. Unidade I&D CECH)

Não temos qualquer dúvida em considerar que a publicação de *El Orden Oculto* constitui um acontecimento editorial maior. O autor, nome cimeiro dos estudos fenomenológicos contemporâneos, apresenta nestas páginas aos seus muitos leitores atentos uma obra que atrai pela rara profundidade, que surpreende pela clareza e que fascina pela vastidão temática. É um livro incontornável, que se posiciona indubitavelmente na galeria de textos originais através dos quais a empresa fenomenológica, enquanto tarefa viva e interminável, hoje se continua a fortalecer.

O objetivo central do ensaio, tal como o explicita o subtítulo da obra, é o de investigar «uma possível epistemologia fenomenológica» (p. 19). O ponto de partida deste projeto, tal como o autor o apresenta nas páginas particularmente aliciantes do prólogo, toma como base a «catástrofe da epistemologia clássica» de cujos escombros emerge, com a «revolução quântico-fenomenológica» (p. 8), uma epistemologia propriamente fenomenológica no contexto da qual a física contemporânea e a filosofia (embora se tendam a ignorar mutuamente) não só trabalham, de facto, em paralelo, como «se iluminam reciprocamente». Tal diálogo entre a revolução da física e a revolução fenomenológica explica-se pela crítica e superação comum do modelo naturalista clássico (da ciência e da filosofia), à luz do qual se concebiam as ramificações especializadas e sucessivamente mais complexas da realidade como modos de um desenvolvimento «em continuidade». Dito de outro



<sup>1</sup> Esta reseña ha sido publicada en *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 61. 2022, 148-150. Recensão 149, DOI: <[https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_61\\_8](https://doi.org/10.14195/0872-0851_61_8)> [28/06/2022]

modo, a epistemologia clássica estabelecia a continuidade da série natural ao longo da matéria não organizada, da organização molecular, da organização da matéria viva, da matéria organizada e animada, até ao «ser material, organizado, vivo, animado e ‘humano’» (p. 7). Um tal esquema «naturalista» conformar-se-ia, enfim, com uma consideração da realidade como «em-si» acessível eideticamente, algo que, no horizonte clássico, se adequava perfeitamente à situação da ciência inspirada pela mecânica newtoniana. Mas quando tal horizonte se confronta com as revoluções da nova física —relativista, probabilística (ou *transprovável*), rigorosa mas *indeterminística*, atenta à incoerência de fenómenos a diferentes escalas e convencida da não-identidade das sínteses— torna-se insustentável. O mais curioso neste cruzamento da história é que tais traços da nova física reúnem «características partilhadas com a filosofia fenomenológica» (p. 8). Na verdade, a «revolução quântico-fenomenológica» representa, segundo o autor, um mesmo movimento de fundamento epistemológico: a superação da falsa continuidade da série naturalista pressuposta pela ciência clássica. Nessa superação, física e filosofia fenomenológica esclarecem-se mutuamente no modo de considerarem um «natural» que se descreve, no seu aparecer, sem recurso a um suposto «em-si» objetivo e com base num eidetismo que permanece controlado pela subordinação do *eidōs* à *intentiono*.

318

«A conjugação de ambos os estados, estado quântico e estado do fenómeno enquanto tal, que afasta o eidetismo, é o que produz a catástrofe da epistemologia clássica e a sua ampliação como epistemologia fenomenológica» (p. 9). Neste sentido, a epistemologia é fenomenológica por definição e princípio. Na sua base, de facto, encontra-se a abertura do campo intencional como espaço que se interpõe entre *epoché* e *redução*, campo que impõe os seus níveis à dimensão natural (nível quântico, relacionado com o nível transcendental; nível molecular bioquímico, em correlação com o nível intencional de intermediação; nível de «animação», que tem correspondência com o nível intencional objetivo), que sustenta as ciências eidéticas naturais e humanas e que permite dar conta da anábase reiterada na verticalidade do conhecimento artístico e religioso (pp. 307-328).

Na obra que aqui apresentamos, tal epistemologia fenomenológica traça-se —no entrelaçamento que leva física e filosofia a reunirem-se, desde logo, em torno de um *sentido a fazer-se* do «natural»— ao longo de nove capítulos (de nove estratos?). O

capítulo que se segue ao prólogo é dedicado ao «campo intencional» (pp. 21-49). Trata-se, na terminologia do autor, «do campo da segunda dimensão do real», aquela que se desdobra a partir do «*progressus*, todavia naturalista, da *epoché* e que chega de um golpe (*hypérbasis*) ao nível do sentido humano» (p. 19). O segundo capítulo (pp. 51-91) corresponde ao plano do «campo eidético», aqui entendido como «campo unitário» que constitui a «terceira dimensão do real» e «dá a forma» às aplicações que configuram os níveis da série «naturalizada». Os capítulos terceiro (pp. 93-130) e quarto (pp. 131-167) são dedicados à epistemologia das ciências naturais, respetivamente, ao modelo da física quântica na consideração da organização inicial da matéria no nível originário e do modelo das ciências físico-químicas e biológicas na análise da «organização da matéria no nível intermédio». O capítulo quinto (pp. 169-203) trata da organização dos seres animados e, deste modo, dos pressupostos epistemológicos da etologia. Avulta neste capítulo, em particular, uma discussão da questão epistemológica da «animalidade», que o autor desenha, coerente com os seus pressupostos, sobre a base de um contexto científico e filosófico entrecruzado, sendo este último, no caso vertente, estabelecido sobre um diálogo crítico entre Heidegger e Marc Richir. No capítulo sexto (pp. 203-235) abordam-se as ciências humanas, tal como se estruturam, no campo intencional, em partições sucessivas que se desdobram a partir da universalidade humana do nível originário. Destacamos duas dessas partições: a sociologia e a política. Estas serão duas fronteiras específicas entre o nível intencional médio e o nível objetivo da *praxis* (p. 217), níveis que se confundem de múltiplos modos (nomeadamente, com a cultura e a economia) o que torna difícil considerar, neste contexto, o aparecimento de «formas enquanto formas» e a respetiva «ordem oculta». O sétimo capítulo (pp. 237-271) é dedicado à «arte» entendida como «conhecimento» que resulta da «inversão do campo intencional». Mais precisamente, a arte é um conhecimento que «parte da *desobjetivação* do técnico e acaba na experiência estética no nível do sentido humano» (p. 20; 237). Este é um capítulo com uma força teórica inegável. Trata-se de dar conta da seguinte circunstância fundamental: «a arte não está destinada a simetrias belas, mas ao conhecimento da realidade em circunstâncias excepcionais, quando não são suficientes os recursos intencionais habituais» (239). Neste sentido, a arte, por um lado, inscreve-se no campo intencional, sem admitir elementos eidéticos; por outro lado, «produz-se como *interrupção da*

*anábase* intencional na reiteração do *progressus*», interrupção essa que produz um *cerrar de fantasias percetivas* que constituem uma «forma» de algo que não é objetivo, nem posicional. Esta interrupção da forma *anabásica* é, no entanto, transitiva e «desliza imediatamente para o nível originário onde se termina a experiência estética» (p. 240). Poderia dizer-se que o «conhecimento artístico» atua «recorrendo ao campo intencional desde baixo até cima: objeto técnico/*des-objetivação* e *des-significação/experiência estética*» (p. 273). Esta referência prepara o núcleo temático do derradeiro capítulo da obra, no qual encontramos uma consideração do «conhecimento religioso frente à transcendência absoluta» (pp. 273-306). Trata-se, para o autor, de aqui assumir um capítulo incontornável da epistemologia fenomenológica.

Na verdade, se a epistemologia fenomenológica «reconhece a pluralidade e diversidade de formas de conhecimento» (p. 273), não poderia certamente ignorar essa última forma —«indubitavelmente mais problemática» (p. 273)— que é «o conhecimento religioso». A ligação com o conhecimento artístico prepara o terreno da análise: conhecimento artístico e conhecimento religioso inscrevem-se ambos «na vertical do campo intencional» e parecem fazer-nos assomar a «profundidades que resultavam inacessíveis ao conhecimento objetivo e às ciências eidéticas naturais e humanas» (p. 274). O carácter problemático do conhecimento religioso, neste contexto, é precisamente o de se abrir a um «território» desconhecido da transcendência, cujas raízes estarão fora da linguagem, fora do tempo e fora do espaço. Com efeito, trata-se aqui de considerar «uma possível transcendência vertical», uma «transcendência vertical absoluta» (p. 273), por princípio, sempre *em fuga*. Nestas lonjuras da investigação fenomenológica, enfim, o «enigma do sentido» faz-se acolhimento, na «verticalidade» ascendente, do que é absolutamente enigmático e extravasa não apenas o simbólico, mas o próprio sentido humano *in fieri* (p. 275).

A importância e o interesse de *El Orden Oculto* dificilmente poderão ser exagerados. Recomendamos vivamente a leitura.